

REPRESENTAÇÕES DA DISCRIMINAÇÃO SOCIAL E RETROSPECÇÃO TELEFICCIONAL: Discursos de classe e geração a partir de comentários sobre a novela Esperança

Lília Junqueira

Resumo

No texto a seguir defende-se a utilização do conceito de *habitus* para discutir os fenômenos da recepção da comunicação de massa. Nesse contexto, as novelas são vistas como complexos que articulam narrativa e discurso cultural, e não apenas como discurso ideológico. Em seguida, identifica-se uma matriz discursiva personalista como **base** da percepção e da aprendizagem da discriminação na novela de época *Esperança*. Por último, faz-se uma análise comparativa de discursos de classe e de geração a respeito da discriminação social. A partir de reações e de comentários de telespectadores sobre a novela, verifica-se como a multiplicidade dos fluxos temporais interfere no processo interpretativo.

Palavras-chave

Representações sociais. Discriminação social. Recepção. Telenovelas.

REPRESENTATIONS OF SOCIAL DISCRIMINATION AND MEMORY IN TV SOAP OPERAS: class and generation discourses in the soap opera Esperança

Abstract

In the following text the concept of *habitus* is used in order to discuss phenomena related to the reception of mass media communication. In this context, Brazilian soap operas are seen as complexes which articulate narration and cultural discourse, and not merely as ideological discourses. After, a personalistic matrix is identified, in the soap opera *Esperança*, as the basis for reception and for learning about discrimination. Finally, still regarding discrimination, a comparative analysis based on class and generation is offered. Departing from the spectators' comments on the issue, I still analyse how the multiplicity of temporal flows intervenes in the interpretative

processo

Keywords

Social representation. Social discrimination. Reception. Soap operas.

Os processos de percepção e interpretação das mensagens da mídia têm ocupado um lugar cada vez mais importante na reflexão sociológica sobre as representações sociais, sobretudo na Europa. No Brasil este espaço interdisciplinar se encontra em estado latente, sendo os estudos em recepção considerados como objeto exclusivo das ciências da comunicação.¹

O estudo apresentado aqui pretende ser uma contribuição para o avanço das conexões entre sociologia e comunicação, na medida em que se coloca um objetivo de conhecimento sociológico (a desigualdade e discriminação social no Brasil), embora busque alcançá-lo a partir de métodos mais conhecidos no campo da comunicação, como as análises de narrativas e de discurso e os estudos em recepção.²

O conceito de discriminação diz respeito a relações sociais caracterizadas por uma representação estigmatizadora do outro e de si mesmo. Construindo identidades polarizadas com valores positivo e negativo, a estigmatização justifica, no nível simbólico, os preconceitos sociais de gênero, raça, classe social ou outros. Intimamente ligada ao conceito de desigualdade social, a discriminação é pensada aqui como um dos mecanismos de coerção de um sistema de dominação social a partir de um poder, que, por ser simbólico, não se deixa ver facilmente apenas com os recursos teóricos e metodológicos da ciência social moderna sem intercâmbio

¹ Alguns autores têm produção que pode ser considerada interdisciplinar, como por exemplo Gabriel Cohn e Renato Ortiz na sociologia e Muniz Sodré em comunicação, mas nenhum deles trabalha com pesquisa em recepção.

² "A expressão *Estudos de recepção* abriga desde a consideração inicial dos processos de decodificação das mensagens (nos modos de investigação de Hall e Morley) até a ênfase mais recente nos *usos dos meios* e no *consumo cultural*; acolhe desde a investigação de campo sobre o modo como os receptores *produzem sentido* a partir dos textos mediáticos até a *etnografia da audiência*, que procura examinar certos encontros entre media e receptores a partir de sua inserção no espaço doméstico e nas práticas da vida cotidiana." (GOMES, 2003, p. 29).

com outras ciências. Uma combinação entre recursos da comunicação e da sociologia nos permite descobrir o poder simbólico "onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido" (BOURDIEU, 1978, p. 7), isto é, nas percepções, representações e crítica da discriminação na vida cotidiana. Tais fenômenos se manifestam numa prática extremamente comum e significativa na sociedade brasileira, que é a prática de comentar as telenovelas. Embora as telenovelas apresentem encenações de relações sociais sobretudo no âmbito privado, na família e nas relações amorosas, a construção das tramas e das personagens e a evolução das narrativas permitem entrever o consenso sobre a lógica e o valor não só das características pessoais, mas também das relações sociais. Nas novelas estão representadas as nossas crenças e nossos valores ligados à ordem social, à hierarquia e ao direito, como também os valores de exclusão e de participação social.

Segundo Barbero (2001), o sentido dado à mensagem pela telenovela não pode ser conhecido antes que, a partir de sua exposição a ela, os telespectadores produzam um discurso relacionando-a à experiência cotidiana. O fenômeno mais importante ligado à telenovela é a sua repercussão na vida social a partir da prática de "falar da telenovela", que é, hoje, comprovadamente um ritual cotidiano no Brasil. De fato, estudos³ mostram que por vezes fala-se muito mais das telenovelas do que se assiste a elas, tomando-se a fala um fenômeno social mais importante do que o ato de assistirem si. Fala-se, inclusive, de novelas das quais se ouviu falar e que nem mesmo foram assistidas pessoalmente. Essas falas constituem uma riquíssima fonte de dados para entender a discriminação onde ela é menos visível e comunicável: na imagem que se faz das pessoas e das relações e na emoção e no sentimento ligados a elas, justamente porque imagens e emoções se baseiam fortemente nas experiências pessoais e grupais da vida cotidiana. Quando o telespectador julga as personagens, deixa vir à tona sentimentos e idéias que nem sempre seriam **confessados** em sua opinião declarada sobre pessoas e relações reais.

A discriminação social foi investigada, nesse estudo, a partir de dois temas principais. Primeiro, o da investigação das múltiplas temporalidades presentes na novela (que atravessam desde a sociedade em que vivemos, passando pela programação e tecnologia da televisão, pela fragmentação de tempo presente na

³ Ver a respeito Lopes e Borelli (2002).

narrativa televisual, até chegar ao produto telenovela), que interferem no processo perceptivo e interpretativo e que por vezes apresentam causalidades históricas ou raízes da discriminação social no presente. O segundo tema refere-se à presença simbólica da discriminação social em determinadas formas de compreender e interpretar as cenas que têm uma tendência a permanecer inalteradas no decorrer do tempo. Essas formas de compreender as cenas variam entre as classes sociais e entre os grupos de geração. A partir desta constatação, tais formas de interpretação são aqui trabalhadas com base no conceito de *habitus* de Bourdieu, destacando uma matriz discursiva mais estável que é o personalismo.

1 A matriz personalista como *habitus* de percepção e representação da discriminação social nas novelas

O conceito de *habitus* é empregado neste texto como denominação para os sistemas de disposições duráveis de percepção e atribuição de sentido presentes no processo de recepção e interpretação de mensagens televisivas, como por exemplo as telenovelas.

A elaboração do conceito de *habitus* por Pierre Bourdieu autoriza tal apropriação. De fato, esse conceito diz respeito a um acordo sobre a forma de perceber e de conceber o mundo que se situa na interface entre instrumentos de conhecimento e construção do mundo objetivo, meios de comunicação e o poder. Segundo Bourdieu (1998, p. 9, 10), o *habitus* é componente fundamental do sistema social de "construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo", e aponta os símbolos como "instrumentos de conhecimento e de comunicação [...] que tomam possível o *consensus* acerca do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração 'lógica' é a condição de integração 'moral'."

Tal consenso não se instala espontaneamente, mas funda-se num processo de reprodução que é social. Por isso "os sistemas simbólicos [...] só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados" (BOURDIEU, p. 9), ou seja, estão incorporados nos meios concretos de difusão, como os meios de comunicação. "Em outras palavras, há um acordo em um nível anterior à experiência, ou seja, no nível das percepções do real que produz e ao mesmo tempo é produzido pela prática da comunicação. Esse acordo se reproduz e permanece a partir do *habitus* incorporado nos agentes sociais. Em Bourdieu, como em Aristóteles, "o senso perceptivo definido pelo hábito é uma espécie de olhar pré-objetivo" (BARROS;

MARTINO, 2003, p. 75). Ainda destacando a importância do habitus na atribuição de sentido, Bourdieu (1980, p. 571) afirma que ele "permite, em função de uma história de posições sociais ocupadas, uma certa significação que as coisas e os outros têm para nós."

Essa dimensão perceptiva do habitus nos permite concluir que atuam, sem que percebamos, sobre o processo de construção de nossas representações do mundo, disposições interiorizadas em experiências anteriores, ao longo de nossa trajetória singular. Por isso, toda reconstrução de mensagem que operamos depende de nossa história, enquanto conjunto de experiências contrastadas e significadas. (BARROS; MARTINO, p. 77).

Embora o habitus não explique toda a complexidade do ato perceptivo e interpretativo, ele pode ser visto como um elemento de fundamental importância que serve como matriz, ou ponto de referência para uma diversificação de sentidos ou uma busca de novas formas de ver e pensar possíveis de serem interpostas às mensagens.

A importância do uso do conceito de habitus para os processos de recepção reside, sobretudo, no deslocamento que ele opera no enfoque dado tanto pela teoria dos efeitos e gratificações como pelos estudos em recepção dos estudos culturais. Esse deslocamento consiste em centrar a atenção no processo perceptivo, permitindo voltar a considerar o que Rouanet (1987) chamou de "espaço interno" das representações, no nosso caso, construídas no processo de recepção de mensagens. Segundo o autor, a teoria marxista deslocou a questão da percepção e do sentido para fora deles mesmos, ou seja, para um espaço externo relativo à dimensão econômica e política da sociedade. O conceito de ideologia é o principal depositário dessa noção de representação, cujo conteúdo é sempre político e cujo fundamento é sempre econômico.

A teoria do **poder** simbólico de Bourdieu não confere supremacia ao poder político na definição de sentido do mundo, mas o destaca como apenas uma das suas três bases. As outras são as formas simbólicas ou estruturas subjetivas e os meios de comunicação ou objetos simbólicos. Ambas, estrutura estruturada e estrutura estruturante, interagem com os instrumentos de dominação (BOURDIEU, 1998).

Pensar a recepção a partir da teoria relacional de Bourdieu permite colocar em questão a polarização radical entre dominados e dominantes que limita os estudos de recepção na atualidade, condenando-os a repetir, a partir de exemplos após

exemplos, a idéia de que o receptor é um sujeito que age, que reverte a situação de dominação imposta pela mídia. Nesse sentido é que apresentamos a seguir as razões pelas quais optamos pelo conceito de *habitus* para estudar a recepção da novela e não pelo conceito de *mediações*, muito mais conhecido e de uso corrente em comunicação, com base nos estudos culturais.

Em primeiro lugar, porque consideramos a telenovela e as falas que sobre ela são produzidas como complexos de narrativa e discurso cultural num sentido amplo e não apenas como discurso ideológico. Com efeito, os estudos de recepção desenvolvidos pelos estudos culturais consideram que os sentidos da mensagem são definidos fora dela, no contexto sócio-histórico em que ocorrem:

A consideração do contexto extralingüístico, da situação social concreta onde ocorre a interação entre *media* e receptores implica uma opção metodológica dos estudos de recepção em abordar o processo receptivo a partir do conjunto das variáveis que levam os receptores a interagir com os meios [0**] Apesar de afirmar o receptor como sujeito ativo, sua lógica nos leva a compreendê-lo como alvo, como local de chegada das influências das várias instâncias, mediadoras, o que de qualquer modo denota a idéia de passividade. (GOMES, 2003, p. 41).

Tal contradição advém da filiação desses estudos à teoria marxista, que os leva a uma "associação entre recepção e resistência", cujas implicações incluem o risco de acreditar que "a tarefa dos meios de comunicação de massa é dominar e a dos receptores (classe subalterna) é resistir." (GOMES, 2003, p. 41, 42).

Conseqüentemente, essa perspectiva acaba se fechando em questões recorrentes como: Quem é o receptor e o emissor e quais as suas posições de poder? Como o emissor exerce poder e como o receptor resiste a ele? Na realidade, como afirma Gomes (2003), há uma continuidade dessa teoria com a dos efeitos limitados de origem funcionalista, e não uma ruptura, como defendem seus mentores, já que o modelo comunicacional que opõe emissor e receptor não é ultrapassado.

A concepção relacional apresentada por Bourdieu, se aplicada aos estudos de recepção, possibilitaria a quebra desse modelo de oposições, pelo qual a televisão somente pode nos falar sobre a cultura popular, como se a elite não fizesse parte do público, fato facilmente falsificável se observarmos as pesquisas de audiência. Permitiria também outras visões sobre o popular além da valorização da sua resistência às mensagens, quando na realidade o telespectador vivencia uma variedade de outras experiências ao interagir com a mídia, tais como o prazer,

a sensibilidade e a percepção, que são ignorados pelos teóricos dos estudos culturais (GOMES, 2003, p. 45).

Outro ponto importante de atrito é o realce que o enfoque das mediações dá à predisposição ativa e consciente do receptor. Nessa elaboração, nem fica claro o que é chamado de "atividade de recepção" (GOMES, 2003, p. 39), nem são considerados os elementos inconscientes que são fortemente ativados pela forma audiovisual de transmissão das mensagens. O conceito de *habitus* e de dominação simbólica de Bourdieu fornece recursos para a investigação dos mecanismos inconscientes envolvidos nesse processo, já que considera os elementos pré-experienciais, próprios do consenso gnoseológico e comunicativo, que envolvem emoção e sentimento. A idéia do poder daí decorrente desloca-se da relação de domínio e resistência dos pólos dominante e dominado como opostos em emissor e receptor, para as formas estruturais segundo as quais dominados e dominantes, ambos receptores, atualizam ou não um *habitus* de percepção e de interpretação do mundo e do social, mantendo ou transformando as relações de dominação, seja na produção, seja na recepção das mensagens.

Trabalhando com essa perspectiva teórica, foi possível em outras análises sobre recepção de novelas⁴ detectar uma matriz discursiva presente tanto nas narrativas televisuais como nos discursos dos telespectadores. Para aprofundar o conhecimento desta matriz seria necessário trabalhar as três dimensões da recepção e da mensagem: a percepção - ou o sentido pré-experiencial (a estrutura estruturante); o texto - a lógica, o sentido e os sentimentos presentes no conteúdo das mensagens e do discurso sobre elas (a estrutura estruturada); e o contexto, ou as condições de produção da mensagem e do discurso, usando os conceitos de ideologia e campo (os instrumentos de dominação). Este artigo se limitará a examinar os dois primeiros e suas relações, por razões de espaço.

Nas pesquisas anteriores foi detectada a existência de uma forma relativamente permanente de perceber, julgar - atribuir sentido moral às personagens e às relações que se estabelecem entre elas nas novelas. Variam os temas que são tratados, mas não a visão, o olhar lançado sobre a sociedade (uma *micro-sociedade* que contém uma *lógica* de pensar a sociedade) que se apresenta na tela, tanto para a produção como para a recepção.

⁴ Ver na bibliografia os artigos da autora.

Esta matriz discursiva é o personalismo ou o sistema simbólico elaborado pela teoria da cultura da personalidade. O conceito de personalismo é um modelo de identidade brasileira presente nas elaborações intelectuais, com forte repercussão no senso comum, desde os primeiros estudos sobre a nossa formação social. A dicotomia entre indivíduo e pessoa característica do personalismo brasileiro, como ele é definido pela sociologia tradicional e cristalizado na obra de Roberto Da Matta (1981), aponta para um paradoxo entre lógicas de percepção do mundo e das relações sociais do período colonial estabelecidas entre mestres e escravos, que sobrevive na dicotomia entre classe média e classe subalterna. As noções de indivíduo e pessoa são apresentadas com as seguintes características:

Indivíduo	Pessoa
Livre, tem direito a um espaço próprio	Somente pode ser concebida em uma relação necessária com a totalidade
Igual a todos os outros	Complemento dos outros
Tem possibilidade de fazer escolhas que são percebidas como seus direitos fundamentais	Não tem escolha
Tem emoções particulares	
A consciência é individual	A consciência é social (ou seja, prevalece a totalidade)
A amizade tem um papel fundamental nas relações	A amizade é residual e juridicamente definida
O romance e a novela, obras de autor, são as formas de expressão essenciais	A mitologia, as formulações paradigmáticas do mundo são as formas de expressão fundamentais
Estabelece as regras da sociedade onde vive	Recebe as regras
Não há mediação entre ele e o todo	A segmentação é a regra

Tais características correspondem a relações amorosas, interpessoais e sociais bem definidas e com valores próprios. Nas novelas as personagens são apresentadas vivendo suas vidas privadas, com referências simbólicas à sua **atuação** no espaço público. É, portanto, possível aplicar a lógica do personalismo à análise das tramas e da narrativa da novela, observando como os diferentes tipos de

discriminação social são apresentados e como eles são percebidos, compreendidos e julgados pelos telespectadores, a partir do mesmo modelo.

A matriz personalista está presente nas novelas desde o advento da "novela tipicamente brasileira" em 1968, com o surgimento do anti-herói no papel principal, substituindo o mocinho bondoso de formatos anteriores. Ela **naturaliza** uma imagem do Brasil e dos brasileiros que oscila entre a coerência psicossocial e a corrupção e desonestidade simbolizadas no "personagem – homem-cordial" e no "personagem - adorável-vilão" ou malandro. Nem todas as novelas têm como centro a matriz personalista, sobretudo as novelas das 20 horas e as minisséries a partir dos anos 1990, nas quais procura-se um distanciamento crítico com relação a ela, proveniente, sobretudo, do impulso do novo cinema brasileiro. Contudo, esta matriz continua sendo um modelo importante de referência. Seja para reproduzi-lo, seja para dele se distanciar, as novelas em geral dialogam com o personalismo.

Nossas pesquisas têm mostrado a forte presença da matriz personalista nos discursos dos telespectadores sobre as novelas ao tratar dos mais diversos assuntos. As relações entre indivíduo e pessoa são constantemente fixadas como referencial de representação. A matriz personalista vem acompanhada, nas falas sobre a novela, de um modo de percepção característico das classes sociais.⁵ O presente artigo reforça estas conclusões para o estudo da discriminação social no trabalho de pesquisa a partir da novela *Esperança*.

A novela de época *Esperança*, de Benedito Ruy Barbosa, veiculada pela rede Globo de televisão no ano de 2002, foi analisada paralelamente aos discursos que sobre ela foram feitos no período de exibição.⁶ Para estudar a novela foram gravados capítulos de três períodos, do início, do meio e do fim, momentos essenciais da narrativa. A partir desse *corpus* maior foi feita uma análise de narrativa, onde se levantou algumas cenas centrais da história, envolvendo três personagens também centrais e bem **caracterizadas** em suas relações interpessoais e sociais: *Toni*, *Francisca* e *Nina*. Em seguida, foi produzida uma edição com as cenas escolhidas, num total de 8 minutos. Essa edição foi estudada com recurso às técnicas de análise

⁵ Ver Junqueira (2004).

⁶ Pesquisa realizada em 2002/2003 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, com financiamento do Programa de bolsas de iniciação científica - PIBIC do CNPq. Equipe: Coordenadora profª Lília Junqueira, bolsistas: Taciana Valéria Silva de Melo e Rita Carvalho Costa.

de discurso, principalmente a intertextualidade e o estudo do tempo. Os resultados desta análise deram a direção para elaborar um roteiro de entrevista com os 20 telespectadores - de duas classes sociais e faixas etárias distintas - que foram selecionados a partir de contatos feitos com as associações de moradores do bairro de Boa Viagem, na cidade do Recife. Antes de responder às questões, os entrevistados assistiram à edição, para reforçar a lembrança das personagens em foco e os fatos acontecidos no início da novela, o que acabou gerando uma superposição temporal suplementar, como veremos a seguir. As entrevistas também foram submetidas à análise de discurso.

A novela confronta representações conflitantes de vida referentes às condições materiais da classe média (apresentadas de forma mais representativa do real) e das classes populares (apresentadas de forma menos próxima do real e mais próxima do clichê) que se prestam a várias leituras e ganham interesse do público exatamente porque provocam situações de tensão.

Esta tensão também está presente nas relações entre as classes a partir dos seus respectivos padrões de consumo. A pesquisa contrapõe representações de grupos bastante diferentes com relação aos modos de vida, apesar de estarem próximos espacialmente. A classe média habita edifícios de alto padrão enquanto a classe popular ocupa a favela de *Entrapulso*, onde paira constantemente a ameaça da desocupação. Além disso, os moradores desta têm forte experiência da discriminação social, pois entram em contato com os lojistas e a administração do shopping Recife, que ladeia a favela. As novelas não transmitem essa dicotomia de hábitos, que podem ser pensados como configurações de *habitus de classe* específicas. Elas homogeneízam as representações dos dois grupos sociais. Este fato gera forte tensão entre os telespectadores, principalmente os da classe popular. Estas situações de tensão são foco de interesse para esta pesquisa.

2 A percepção temporal: retrospecção e aprendizagem

Os temas da desigualdade e da discriminação social estão presentes, em suas formas mais conhecidas, em maior ou menor grau de importância, na grande maioria das novelas exibidas pela rede Globo no horário das 20 horas. Estudar a discriminação social numa novela de época cujo tema central é a imigração de estrangeiros para o Brasil na década de 1930 parece estranho à primeira vista, se nos fixarmos apenas na dimensão da consciência e de atividade do telespectador. Estudá-la numa novela cujo tema limita-se à discriminação entre brasileiros e

estrangeiros naquele período também parece estranho para entender a **discriminação** social como ela é pensada hoje no país. Mas se, por outro lado, procurarmos as lógicas subliminares e nem sempre conscientes, o encadeamento entre compreensão e sentimento, veremos que a discriminação de italianos e espanhóis naquele período foi lida pelos telespectadores entrevistados com as lentes da discriminação conhecida internamente no Brasil, da forma como ela é pensada e vivida no momento presente. Podemos notar, estudando os discursos em questão, que uma certa lógica que subsidia a percepção, compreensão e interpretação da discriminação entre brasileiros e estrangeiros, em 1931 na novela, é a mesma que subsidia o pensamento sobre a discriminação entre ricos e pobres, homem e mulher ou brancos e negros, no Brasil de hoje. Os entrevistados foram convidados a se imaginar no lugar das personagens e dizer o que fariam em tais situações. **As** respostas estão repletas de projeções, identificações, de casos reais que são contados para rememorar experiências de discriminação consigo e com os outros. Os telespectadores demonstraram também abertura para aprender fatos históricos através da novela.

A flexibilidade temporal é característica deste tipo de novela, o que a coloca como objeto de pesquisa típico da sociedade atual, na qual constata-se uma perturbação do sentimento histórico ocasionada pela rapidez do fluxo temporal de informação. Os meios de comunicação são elementos fortes deste deslocamento temporal. Marcel Martin (1994) mostrou a transformação do tempo dentro do produto cinematográfico pela montagem. Barbero (1997) sublinhou o efeito de degradação do gênero melodrama pela atual exigência de rapidez de mudança de planos e de histórias dentro da telenovela, fazendo dela uma colcha de retalhos de vários gêneros misturados. Thompson (1998) identificou a mudança na experiência que os indivíduos têm da história gerada pela superposição de fluxos temporais operada pela sociedade midiaticizada.

Segundo Tesche (2003, p. 13), "o fascínio da ficção seriada televisiva decorre de sua capacidade de oferecer ao telespectador o preenchimento dos vazios da história, constituindo aí mundos possíveis através da *poiesis*", o pensamento ficcional faz o trabalho de construção de coerência da existência, impossível de ser feito pelo conhecimento humano devido às suas limitações. "No mundo possível construído pela mídia nós exploramos a pluralidade da *possibiltia* para encontrar um modelo que sirva para a *realia*" (TESCHE, 2003, p. 13). Nesse processo faz todo sentido o interesse pela questão epistemológica dos modos de percepção.

A novela *Esperança* conta a história do italiano Toni (Reinaldo Gianecchini), que se apaixona pela italiana Maria (Priscila Fantin), mas é obrigado a deixar a Itália em direção ao Brasil devido ao ódio entre sua família e a dela, por questões ideológicas. O pai de Maria (Antônio Fagundes) é fascista e Toni faz parte de uma família de comunistas. No Brasil Toni vive outro amor, com a judia Camille (Ana Paula Arósio), e diante de dificuldades insuperáveis para conseguir trabalho no Brasil (ele é pianista), acaba se rendendo à situação e casando-se com ela. A novela se desenvolve sobre as idas e vindas dos amores de Toni, pois Maria, grávida dele, vem procurá-lo no Brasil e coloca seu casamento em questão. Tudo acontece sobre o pano de fundo de uma instabilidade econômica e política crescente na época (ano de 1931). No decorrer da trama a crise política recrudescer, cresce o desemprego e a disputa entre brasileiros e estrangeiros por postos de trabalho, o que aumenta a rivalidade entre ambos os grupos, principalmente entre empresários brasileiros e trabalhadores italianos. No núcleo rural, a fazendeira Francisca (Lúcia Veríssimo) trata empregados com desprezo, sobretudo os negros e os italianos que trabalham em sua produção de café.

A discriminação entre brasileiros e estrangeiros é, portanto, inegavelmente, um dos temas fortes na novela, ligado à questão do desemprego. Para contar a história desta discriminação, a novela opera deslocamentos temporais em vários níveis:

- a) apresenta a discriminação do passado para ser assistida no presente - referências à discriminação real são apresentadas para pessoas que não viveram o período, portanto, estão limitadas a imaginar, a se apoiar em seus conhecimentos de história, ou na novela anterior do mesmo autor sobre o mesmo tema (*Terra Nostra*, Globo, 1999);
- b) apresenta dois núcleos separados por espacialidade e temporalidade diferentes - o primeiro é urbano, representando um Brasil cosmopolita, onde as discriminações são ocultadas pelas necessidades da evolução econômica rápida e de utilização de mão de obra estrangeira mais especializada em São Paulo, o nascedouro da indústria nacional; o outro é o núcleo rural, onde as referências ao Brasil colonial são muito mais fortes e onde a discriminação não sofre pressão nas culturas de café em estado de decadência comercial;
- c) apresenta duas fases de personalidade das personagens, que se transformam totalmente a partir da mudança de diretor, de forma que as características das personagens não são as mesmas e algumas são mesmo opostas entre o início e o final da novela.

Sobre estes três deslocamentos o trabalho de pesquisa colocou um quarto, quando apresentou uma edição de algumas cenas para a entrevista, ainda durante o período de exibição da novela. Tais cenas, referentes ao início da novela, já haviam sido transmitidas antes do período em que a entrevista foi feita, ou seja, na fase final. A análise permitiu levantar a interferência destes deslocamentos temporais nos modos de percepção de conteúdos históricos diferentes segundo as classes e a geração.

2.1 Classificação dos entrevistados

Foram entrevistadas dez pessoas da classe média e média alta e dez da classe popular. Para selecionar as entrevistas, baseamo-nos em três critérios: renda, gênero e idade.

2.1.1 Renda

Com este critério separamos, para fins metodológicos e comparativos, dois **grupos** de análise: o Grupo 1 (G1), formado pelos entrevistados da classe alta e média de Boa Viagem; e o Grupo 2 (G2), formado pelos da classe popular (comunidade de Entrapulso). Estes dois **grupos** possuem rendas muito diferentes, e por esta razão elaboramos duas tabelas distintas de classificação.

Tabela 1 - Classificação dos entrevistados do G1 por renda

Subgrupos	Renda	f _{G1}
A	De RS 800,00 a RS 1.500,00	4
B	De RS 1.501,00 a RS 3.000,00	5
C	Acima de RS 3.000,00	

Tabela 2 - Classificação dos entrevistados do G2 por renda

Subgrupos	Renda	f _{G2}
A	De RS 100,00 a RS 280,00	4
B	De RS 281,00 a RS 400,00	5
C	Acima de RS 400,00	

2.1.2 Gênero

A nossa intenção inicial era conseguir um equilíbrio entre os dois grupos, no referente à questão de 'gênero', porém, isto não foi possível, sendo entrevistado, em ambas as classes sociais, um maior número de mulheres, como se observa na tabela abaixo.

Tabela 3 - Classificação dos entrevistados por gênero

Subgrupos	Gênero	fG1	fG2
A	Masculino	2	3
B	Feminino	8	7

2.1.3 Idade

Buscamos pessoas que cobrissem uma extensa faixa etária, a fim de que estivessem presentes na pesquisa pessoas pertencentes a duas **gerações** distintas, para podermos, assim, comparar as respostas destes subgrupos. A distribuição da amostra segundo este critério encontra-se na tabela a seguir.

Tabela 4 - Classificação dos entrevistados por idade

Subgrupos	Faixa etária	fG1	fG2
A	De 16 a 26 anos	2	7
B	De 27 a 36 anos	3	
C	De 37 a 56 anos	2	
D	De 57 a 71 anos	3	

2.2 Análise

Sobre percepção, rememoração e aprendizagens, podemos dizer que o grupo 1 aprende história do Brasil pela novela, embora evite declará-lo. Nas entrelinhas dos discursos pode-se perceber que a novela é vista como uma oportunidade de conhecer aquele período da história do Brasil. Para eles, aquele que assiste com atenção, pode aprender. Dão ao autor, à Globo, e à mídia, a autoridade para ensinar e desejam aprender o que é ensinado.

A informação passada pela novela não ocorre no mesmo ritmo do ensino

pedagógico. As temporalidades se superpõem. Os telespectadores, ao responder as questões, misturaram informações e elementos das diversas temporalidades que se apresentaram entrecruzadas na novela *A edição* que passamos antes da entrevista mostrava cenas do núcleo urbano e do núcleo rural. Ao responder como era a relação entre imigrantes e brasileiros naquele período, alguns telespectadores do grupo 1 misturaram as duas dimensões, produzindo um relato bem distante dos fatos históricos e da história que a novela pretendia contar:

Bem, eu acredito assim, que na verdade, aqui a gente tinha influência muito grande dos portugueses, e os portugueses não recebiam eles [os italianos], apenas viam eles como simples, como mais uma mão-de-obra barata, para que entrasse no seu trabalho. Teve uns que chegaram trazidos como escravos. (CAB)⁷

O Brasil já vinha de um colonialismo, então já haviam os portugueses, os escravos da África, então... eles, os senhores de engenho, recebiam esse pessoal como escravos, só que eles não eram negros, eram escravos brancos que vinham da Europa. (CBA)

Estes discursos mostram alguns equívocos com relação à mensagem. Em primeiro lugar, a idéia de que eram os portugueses que recebiam os italianos. Em segundo lugar, a idéia de que os italianos substituíram os escravos na mesma condição. Esses equívocos podem ter sido causados pela apresentação simultânea das temporalidades entre os núcleos urbano e rural. *A edição* que passamos mostrava as duas dimensões do Brasil apresentadas na novela: uma do Brasil que se industrializava, ambientado na cidade de São Paulo; outra do Brasil que ainda lutava para se manter no passado colonial, seja na manutenção da atividade cafeeira, seja nos valores humanos coloniais de desigualdade. Esta última mostrava a fazendeira Francisca em atitude autoritária com sua empregada negra, tratando-a como escrava, descobrindo que ela era filha de seu falecido esposo e transformando-se numa pessoa melhor, mais tolerante. Os entrevistados parecem não ter captado a distância entre os dois *Brasis* e misturaram os momentos colonial e industrial da história.

⁷ A notação com três letras em maiúscula será daqui em diante utilizada para identificação das características do entrevistado, a partir das tabelas apresentadas. A primeira letra refere-se à idade. A segunda refere-se à renda e a terceira ao gênero. Por exemplo: CAB indica um telespectador entrevistado de idade C (entre 37 e 56 anos), de renda A (R\$ 800,00 a R\$ \.500,00) e de gênero B (feminino).

Equívocos como este levantam questões sobre a aprendizagem dos fatos históricos pela televisão. Embora os discursos apresentados tenham sido recolhidos junto à classe média, que dispõe de educação formal, o embaralhamento das temporalidades parece ter influenciado a percepção e compreensão final da mensagem e produzido conclusões em desacordo com os fatos históricos.

O que é específico do grupo I com relação à aprendizagem pela novela é justamente este diferencial colocado pela educação, sobretudo junto aos que estão estudando no momento em que a novela é transmitida, no nosso caso, os mais jovens. Eles são o subgrupo que melhor analisou as informações transmitidas pela novela, apesar da sobreposição de temporalidades, distanciando-se com apoio nos conhecimentos escolares, como se vê no exemplo a seguir:

Pelo que sei, os imigrantes foram muito importantes para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Eles, juntamente com os brasileiros, estabeleceram uma relação que muito contribuiu para a solidificação e estabilidade do país numa fase tão difícil como foi a década de 30. As consequências da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929 deixou o país muito fragilizado e instável, e a política migratória desenvolvida pelo governo de Getúlio Vargas foi bastante atrativa para os países que também foram tocados por esta crise. E isto, aliado à forma de governo sem conflitos aparentes fez com que os imigrantes vissem no Brasil um país promissor, um paraíso. (ABB)

A telespectadora faz, além disso, uma crítica inclusive ao conhecimento que se pode obter nos próprios livros escolares. Quando perguntamos sobre a relação entre brasileiros e imigrantes, ela respondeu: "Olha, é meio complicado falar dessas relações quando não se sabe muito. É sabido que os livros escolares não passam a realidade real, e muito menos ela é passada pela televisão."

Com relação ao grupo 2, constatamos inicialmente um não saber geral, uma grande dispersão de conhecimentos e opiniões, bem maior do que no grupo 1. O grupo 2 também demonstrou aprender sobre história do Brasil pela novela. Quatro entrevistados o declararam literalmente, sem distinção de faixa etária

As telespectadoras mais maduras (duas delas, uma de 59, outra de 53 anos) sublinharam o fato dos imigrantes terem chegado ao Brasil porque estavam fugindo de seus países; citaram a perseguição alemã aos judeus mesmo que isso não estivesse patente nas cenas da novela. Uma hipótese para esta forma de

compreensão pode ser também ligada ao deslocamento temporal, desta vez, ao que foi criado pela própria pesquisa. **As** entrevistas foram feitas durante o período de exibição da novela, mas a edição continha cenas que já haviam sido transmitidas. Nos capítulos em exibição na semana da entrevista, havia cenas em que integralistas atacavam os judeus, invadindo estabelecimentos, agredindo e humilhando. A confusão entre o tempo da exibição e da edição que a ela se sobrepôs pode ter trazido à mente destas telespectadoras a imagem dos alemães e da perseguição nazista.

Estes resultados mostraram que o grupo I dispõe de maior aporte referencial para compreender a desigualdade via memória das vivências dos antepassados, principalmente se acompanhada do conhecimento histórico, principalmente os telespectadores mais jovens. Eles conseguem lidar com as superposições temporais sem prejuízo maior do conteúdo que a novela quer passar. Revela-se aqui, também, o fato já conhecido de que a experiência de contato com a televisão desde a infância possibilita aos jovens um traquejo melhor de seus dispositivos técnicos usados na construção das mensagens.

O grupo 2, apesar de ter declarado possuir um aporte educacional menor, também apresenta diferenças de percepção relativas às superposições temporais com relação à idade, baseando sua percepção muito mais em justificativas afetivas que cognitivas para a compreensão do conteúdo. Por exemplo, detectamos, em vários trechos do discurso, uma busca de referenciais em outra novela, ou em outro tempo trabalhado na novela. A relação de domínio maior da mensagem pelas novas gerações permanece constante neste grupo.

A idade mais jovem e o conhecimento histórico são fatores que, para os telespectadores em questão, possibilitariam um domínio cognitivo e afetivo dos deslocamentos temporais. Os portadores de conhecimento sobre o período histórico em questão, sobretudo os mais jovens nas duas classes, foram aqueles que menos se confundiram na multiplicidade dos tempos criada pela telenovela e reforçada pela pesquisa. Além disso, pode-se concluir que a novela é aceita como fonte de conhecimento histórico nas duas classes e nas faixas mais jovens, embora, pelo diferencial de conhecimento histórico, a classe popular esteja mais fortemente inclinada a decodificar os fatores históricos apresentados com base na própria novela ou em novelas anteriores. A classe média utiliza, além da própria novela, outras novelas, outros programas de televisão e utiliza mais os conhecimentos obtidos fora da televisão, como na escola ou na Internet, como base para a aprendizagem da história na novela.

3 O texto: diferenças de classe e geração no *habitus* interpretativo da discriminação social

Neste item será estudada a ordem da narrativa e do discurso da discriminação social segundo ela é produzida pela novela e apropriada pelos telespectadores, tendo como referencial a matriz personalista. Na novela *Esperança* há variadas formas possíveis de detectar a matriz personalista, mas, por questão de espaço, a apresentaremos na análise da estória (como discurso) do personagem principal e na análise da narrativa como padrão semiológico geral, ambas contrapostas ao discurso dos telespectadores.

3.1 Toni ou a tentativa de inserção social dos imigrantes no Brasil

Desde o relato de apresentação (BALOGH, 2002) até o discurso das personagens, tudo na novela indica que, num primeiro momento na Itália, Toni não era ninguém. Vem para o Brasil para ser alguém. “**Ser** alguém” está ligado à aquisição de trabalho, riqueza e do amor de Maria. O romance é construído com base no modelo universal “Romeu e Julieta”, com variações para a adaptação à temática da imigração em seu tempo e seu espaço. Estas variações é que aproximam a matriz universal da matriz personalista, que é brasileira. Além disso, as duas matrizes apresentam pontos em comum que não serão desenvolvidos aqui.

Neste sentido é que Toni intenciona “**ser** alguém”, no sentido dado à expressão por Roberto DaMatta; ser reconhecido socialmente. Sua trajetória vai do indivíduo (alguém sem identidade social delineada - massa, qualquer um) à pessoa, que ele consegue ser em São Paulo através do trabalho e junto a Camille.

Quando vem para o Brasil, Toni abre mão do amor verdadeiro e do reconhecimento afetivo de si mesmo. Nesta luta pelo amor de Maria ele perde algo de si mesmo - que está presente no amor de Maria. Então, ele fica em dúvida entre, de um lado, a aceitação social com o amor doentio de Camille - uma vida pessoal de baixa qualidade - e, de outro lado, o não reconhecimento social e o amor verdadeiro - a vida pessoal de alta qualidade. Pelo esforço pessoal ele não consegue chegar ao seu objetivo.

A fase da opção pelo não reconhecimento coincide com a inserção do personagem na luta operária. Ou seja, não conseguindo reconhecimento por meio do esforço pessoal, passa-se ao esforço coletivo. Através do esforço coletivo ele consegue. Torna-se um jornalista, um líder operário e fica ao lado do amor

verdadeiro. Mensagem da narrativa: só o esforço pessoal para o trabalho, a luta pelos direitos sociais trazem liberdade individual, a liberdade para o amor.

A maioria dos telespectadores não demonstrou ter captado esta mensagem. Toni foi mais percebido como lutador no nível pessoal para o reconhecimento social do que como lutador no nível coletivo. Isto **pode** ter se dado devido à fraqueza da segunda caracterização do personagem na segunda fase da novela. Ele não ficou na memória dos telespectadores entrevistados como um vencedor.

A novela procurou transmitir uma mudança de personalidade de Toni que corresponde à mudança do Brasil de tradicional para moderno. Mas esta mudança não foi captada e não ficou na memória dos telespectadores entrevistados, apesar de ter sido apresentada a eles uma edição que continha cenas das duas fases, reforçando a idéia da novela. Pela análise do discurso da novela, centrada na história desta personagem – mas que pode ser estendida às outras que também mudaram –, os telespectadores selecionaram, fixaram na memória, dialogaram melhor com o primeiro Toni (indeciso e fraco, um *indivíduo*, que se submeteu às circunstâncias não se impondo a elas) e com o correspondente Brasil tradicional.

Este fato nos levaria a pensar que a novela fixou o padrão personalista contra a intenção dos produtores. Não há significativas diferenças de classe neste item. Mas a análise da narrativa nos leva a complexificar esta conclusão.

3.2 Discriminação de estrangeiros no passado e discriminação no Brasil hoje

Sobre a relação entre brasileiros e estrangeiros na década de 1930 os discursos apresentaram diferenças de classe e de geração. Para o grupo 1, a questão da discriminação na novela foi pensada muito mais através do tema da disputa pelo trabalho do que por outros referentes, como raça ou renda. Duas telespectadoras mais idosas apresentaram discursos que permitem relacioná-los à matriz personalista:

Eu acho que [eles] vieram mais para o bem deles próprios, os imigrantes, do que para os brasileiros. Que sempre que eles... por mais pobres que tenham vindo para cá, todos eles conseguiram vencer, né? E o brasileiro continua na mesma, na minha opinião. Por mais que se esforcem... (DAB)

Olha, a gente vive aqui num país hipócrita, sempre diz que é um país sem preconceito mas existe preconceito. Então... Até hoje eu sinto isso, eu frequento aqui a praia, e vejo, tem os alemães,

os suíços, e tem uma certa discriminação por parte de nós, embutido, enrustido, mesmo, mas tem. (CAB)

O primeiro trecho apresenta a idéia de distinção de nível identitário entre brasileiros e estrangeiros, de forma que os brasileiros aparecem como inferiores na capacidade de avançar profissionalmente. O segundo apresenta o sentimento de rancor contra os estrangeiros turistas que hoje freqüentam a praia de Boa Viagem em Recife, acrescentando à identidade inferior do brasileiro a idéia de que este rancor não é declarado, mas mascarado, "embutido e enrustido". A idéia de que o brasileiro não vença por mais que se esforce é tipicamente personalista, fazendo parte da lógica de que a nossa aversão à competição e ao trabalho nos afasta definitivamente do modelo de organização econômica mais eficiente dos países desenvolvidos. Talvez seja esta idéia a justificativa para o rancor contra os estrangeiros, uma vez que, além de serem detentores de capacidades que nós não temos, ainda querem ocupar nosso espaço (a praia no presente ou São Paulo no passado). Esta idéia se relaciona com outras levantadas na novela, como por exemplo a de que os estrangeiros se estabeleceram em nosso território e tomaram nossos empregos.

A idéia de que este rancor não é assumido, também faz parte da mesma lógica, já que, pelo fato dessa discriminação ocultar uma falta de capacidade de vencer do brasileiro, ela deve ser disfarçada, não declarada.

Dois telespectadores deste grupo apresentaram uma visão surpreendente, dizendo que eram os portugueses que discriminavam os italianos e não os brasileiros. Segundo um deles os italianos não sofreram "uma discriminação racial porque eles eram brancos, porém eles eram só usados como mão-de-obra barata, os portugueses que eram a família predominante aqui... eles realmente não queriam se misturar, achavam que [os italianos] eram pessoas inferiores." (CAB)

Este discurso contém a idéia de que não foram os brasileiros os responsáveis pela discriminação dos estrangeiros, mas sim os portugueses. Tal idéia surpreende porque não está presente na mensagem. Nenhum personagem português discriminou nenhum outro de qualquer nacionalidade na novela. Não há dúvida de que a resposta não se apoiou na novela. Contudo, ela pode ter sido inconscientemente buscada numa matriz de pensamento personalista, na qual o brasileiro, por ser cordial, não poderia ser capaz de cometer discriminação contra os estrangeiros.

Neste grupo a imagem do Brasil como um país hospitaleiro e amigável é mais forte do que no grupo dois, mesmo entre os mais jovens, que apresentam interpretações menos calcadas no personalismo. No exemplo a seguir, mais uma

vez o apoio na educação escolar permite distanciamento e reflexão sobre a discriminação, não deixando de transparecer a fé no Brasil cordial, capaz de redimir todos os conflitos.

Na novela mostrou um pouco dessa discriminação em uma cena que Vincenzo conversa com sua esposa Constância e com Farina, eles contavam a alguém que eu não me lembro quem era, tudo o que eles sofreram até conseguir uma estabilidade com a sua própria fazenda. Mas na novela também passaram cenas que eu não sei se condizia com a realidade, o que acontecia era que essas relações conflituosas sempre acabavam quando os imigrantes encontravam pessoas do tipo Dona Mariusa com toda a sua cordialidade, alegria e bom astral, que a identificavam como uma típica brasileira. Não sei se todos ou a maioria era **assim**, mas acho que também existiram muitas Franciscas com seus preconceitos. (ABB)

O discurso revela muito maior domínio dos diferentes tempos da novela em relação a seus personagens correspondentes, demonstra maior sensibilidade à complexidade da relação entre brasileiros e estrangeiros presente na novela, mas continua ancorado na matriz personalista, na medida em que valoriza o "homem cordial" representado pela personagem Mariusa. Este sentimento de Brasil como local de amizade e cordialidade foi **transmitido** pela novela, mas foi mais fortemente captado por este grupo do que pelo grupo dois.

No grupo dois os telespectadores mais jovens sublinharam a razão que levaria os estrangeiros a partirem para o Brasil, mais evidente na novela, que é a busca de emprego para levar uma vida melhor.

Tanto a opinião sobre as razões que trouxeram os estrangeiros ao Brasil quanto a visão da relação aqui estabelecida entre estrangeiros e brasileiros estão marcadas pela presença ou ausência da projeção, nesta relação, da discriminação interna conhecida no **presente** que é exercida no Brasil entre brasileiros e brasileiros. A maioria concordou que os estrangeiros foram discriminados, mas alguns acham que foram bem recebidos, tratados melhor que os brasileiros.

A discriminação racial é acessada para pensar a relação entre estrangeiros e brasileiros: "Houve discriminação e acho que existe até hoje. **Agora** aí vai depender muito da cor da pessoa também, eu acho. Porque se for um angolano que venha **pra** cá, eu acho que ele ia ser discriminado; agora, se vier um britânico, com certeza ele não vai ser..." (ABB)

A discriminação de renda também foi projetada na distinção entre

estrangeiros e brasileiros: “Eu acho que se o estrangeiro fosse rico acho que ele era tratado como igual porque ele contribuía com dinheiro, mas se fosse pobre, não era não, era perseguido... eu acho.” (ABB)

A vivência maior da discriminação social por este grupo parecer sido um referencial forte para produzir este tipo de equação, que pode ser visto como uma crítica da desigualdade a partir da motivação por interesses econômicos ou raciais.

Algumas interpretações também deixam entrever uma perspectiva claramente valorativa com relação às identidades de brasileiros e estrangeiros. Por exemplo, (BBB) afirma que os estrangeiros “são tratados até melhor que a gente mesmo [que os brasileiros]. Que normalmente você trata a pessoa de fora melhor, mais atenção, acho que eles são tratados melhores”. Ela afirma também que “eles normalmente conseguem vencer, embora se casem com pessoas que tenham dinheiro, mas mesmo assim conseguem. Eu acho que é a luta atrás de uma vida melhor, mesmo que seja um lugarzinho que não tenha essas coisas todas, que aqui não tem.”

A referência aos estrangeiros como pessoas que conseguem vencer mesmo em lugares difíceis como o Brasil valoriza a sua personalidade. Nem mesmo o fato de o conseguirem por meios pouco louváveis (mesmo se casando com pessoas que tenham dinheiro, como o fez o personagem Toni) parece diminuir o valor maior dado à identidade estrangeira. O Brasil parece incorporar um valor inferior também quando é apresentado como um “lugarzinho que não tenha essas coisas todas”. Em outro exemplo, uma telespectadora considera a influência dos estrangeiros positiva na década de 1930 “porque o modo de vida deles incentivou o brasileiro em outro tipo de convivência, porque todos nós aqui não éramos mais índio, né? E os índios não eram tão inteligentes quanto esse pessoal que vem de fora, os imigrantes.” (CBB).

Os estrangeiros teriam ajudado a população brasileira a elevar-se do nível de índios ao nível de pessoas inteligentes. Outros depoimentos procuram realçar a inteligência do estrangeiro, a sua “sabedoria” para os negócios na agricultura, a cultura que trouxeram de seus países, ajudando no desenvolvimento do país.

Estas opiniões foram dadas por telespectadores adultos e maduros. Os adolescentes e jovens, em sua maioria, não apresentaram este viés interpretativo depreciativo da identidade brasileira, também presente como elemento sentimental referente à matriz personalista. “Eu acho que eles foram importantes, fizeram parte, ficaram no Brasil por bastante tempo, compraram umas terras e fizeram um lar. Eles ajudaram muito, eu acho que eles ajudaram.” (AAB). “[...] quando chegam

aqui, eles lutam atrás de emprego, e quando conseguem acho que eles ajudam o Brasil a crescer." (ABB).

Discursos como esses não comportam nenhuma carga valorativa referente à identidade de brasileiros e estrangeiros. Estes foram importantes porque estiveram conosco, dedicaram suas vidas ao país. Há duas hipóteses para explicar essa interpretação. Em primeiro lugar, a de que os jovens deste grupo são os que aprendem mais diretamente com as novelas, e a novela, de fato, apesar de utilizar a matriz personalista para a construção de algumas personagens, buscou passar uma visão geral isenta de valores na questão da discriminação. Em segundo lugar, o domínio da linguagem televisiva e da sua multiplicidade de temporalidades permitiu uma interpretação sem referências na matriz personalista.

Finalizando, e em resumo, podemos afirmar que a matriz personalista está presente na lógica da discriminação social da novela e dos telespectadores entrevistados. As razões do distanciamento desta matriz pelos mais jovens e com apoio da educação formal ainda precisam ser investigadas. Por outro lado, a lógica personalista que se apresenta mais firme nos discursos dos telespectadores entrevistados, sobretudo os mais maduros, poderia ser esquematizada da seguinte forma;

Categoria	Pessoa	Relação de poder	Indivíduo
(A) renda	nco	domra	Pobre
(B) raça	branco	domra	negro/índio
(C) gênero	borrem	domra	Mulher

A discriminação é uma relação na qual os elementos "pessoa" exercem domínio sobre os elementos "indivíduo". Se a lógica da relação entre brasileiros e estrangeiros se **adequasse** à lógica personalista, ela seria assim:

Categoria	Pessoa	Relação de poder	Indivíduo
(A) renda	européu	domina	Brasileiro
(B) raça	européu	domina	Brasileiro
(C) gênero	Toni	domina	Maria/Camille

Pode-se afirmar que esta foi a forma como muitos dos telespectadores pensaram a relação entre estrangeiros e brasileiros a partir de um *habitus* perceptivo treinado pela matriz personalista.

Mas na novela, por conta da retrospectiva ao passado histórico, a lógica da discriminação apareceu, sobretudo na primeira fase (aquela que os telespectadores guardaram melhor), da seguinte forma:

Categoria	Pessoa	Relação de matriz	Indivíduo
(A) renda	brasileiro	domina	Europeu
(B) raça	brasileiro	domina	europeu/italiano /negro
(C) gênero	Camille	domina	Toni

A novela apresentou um modelo contrário ao do senso comum para as relações entre brasileiros e estrangeiros, que, pela intertextualidade temporal, muitos confundiram. Essa pode ter sido, entre outras, uma das causas da baixa audiência da novela.

Considerações finais

O *habitus* não esgota os processos perceptivo e interpretativo. Várias idéias que apareceram nos **discursos** dos telespectadores não podem ser explicadas pela lógica personalista, necessitam uma análise mais detalhada procurando outras lógicas coletivas ou pessoais. Para a investigação das primeiras seria necessário fazer apelo à teoria das mediações, mas como uma dimensão complementar para as explicações internas ao texto e aos processos subjetivos. Neste artigo nos empenhamos em mostrar a presença da matriz personalista, como uma referência importante para pensar as representações sociais de discriminação em seu cruzamento com as mensagens da novela. O valor do esforço de pesquisa, a meu ver, é este, apontando não para a onipresença dessa matriz, nem para a redução das representações dos telespectadores ao seu *habitus*, mas à sua *presença* no *habitus* de produzir e receber estas mensagens como uma referência primeira da qual outras formas de perceber e pensar se aproximam ou se afastam.

O trabalho ainda não está terminado. Para pensar a discriminação como

poder simbólico, é necessário, ainda, colocar lado a lado as referências internas e externas ao texto e pensar como elas se contrastam ou não, refletindo como o peso de cada uma interfere no processo final. No caso do nosso material de análise, por exemplo, seria importante estudar como o processo de evolução da própria produção da novela interferiu na sua recepção. A novela *Esperança* passou por inúmeras dificuldades de produção, que repercutiram negativamente nos índices de audiência. Desde a imposição ao autor de trabalhar sobre um tema já explorado em outra novela recente, *Terra Nostra*, devido ao sucesso desta no mercado nacional e internacional, até a mudança súbita de autor devido aos atrasos de Benedito Ruy Barbosa para escrever os capítulos, passando por problemas de gravação, como o acidente que feriu dois atores, afastando-os da gravação.

As inclinações literárias do autor e as determinações do campo profissional também precisariam ser levantadas. Além disso, fatores como as condições de vida, de consumo e de habitação dos entrevistados são fundamentais para dar uma visão mais completa do processo interpretativo. Mas esse seria assunto para um livro e não para um artigo. Em todo caso, o primeiro passo está dado para a análise do espaço interno, do texto.

Referências

- BALOGH, Ana Maria. 2002. *O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas*. São Paulo: Edusp.
- BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. 2003. *O hábitus na comunicação*. São Paulo: Paulus.
- BOURDIEU, Pierre. 1980. *Le sens pratique*. Paris: Minuit.
- _____. 1998. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- FRANZOSI, Roberto. 1998. Narrative analysis: or why (and how) sociologists should be interested in narrative. *Annual Review of Sociology*, United Kingdom, v. 24.
- GOMES, Itania Maria Mota; JACOB, Maria Carmem (Org.). 2003. *Media e cultura*. Salvador: EDUFBA. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas.
- JUNQUEIRA, Lília, 2003. Reflexões sobre a ficção televisiva brasileira e as representações sociais do personalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO EM

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., Belo Horizonte. Anais...

_____. 2004. *Personalismo e socialização no Brasil contemporâneo: um estudo da identificação juvenil com personagens de uma novela* **Interseções:** revista de estudos interdisciplinares, Rio de Janeiro: PPCISIUERJ, v. 6, n. 1.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo; BORELLI, Sílvia Helena Simões;

RESENDE, Verada Rocha. 2002. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. 1997. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

_____. 2001. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Ed. Senac.

MARTIN, Marcel. 1994. *Le langage cinématographique*. Paris: Les Éditions du Cerf.

ROUANET, Sérgio Paulo. 1987. *A razão cativa*. As ilusões da consciência: de Platão a Freud. São Paulo: Brasiliense.

TESCHE, Adayr. 2003. Mediações e trocas simbólicas na teledramaturgia brasileira. CONGRESSO BRASILEIRO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., Belo Horizonte. Anais...

THOMPSON, John B. 1998. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.